



GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 20, pp. 185 - 186, 2006

**O MODELO BARCELONA, UMA ANÁLISE CRÍTICA**  
**CAPEL, HORACIO. EL MODELO BARCELONA: UN EXAMEN**  
**CRÍTICO, BARCELONA: EDICIONES DEL SERBAL, 2005.**

Glória da Anunciação Alves

O professor Horacio Capel, catedrático de Geografia Humana da Universidade de Barcelona e autor dos dois volumes intitulados "La morfología de las ciudades"<sup>1</sup> entre outros publicados em sua carreira, faz nesta obra El modelo Barcelona: un examen crítico, Barcelona, publicada em 2005 em Barcelona (Espanha), uma leitura crítica do chamado "modelo Barcelona" que tem sido referência aos projetos de requalificação de muitas cidades latino americanas, inclusive no Brasil.

Inicialmente resgata, sempre destacando os autores que servem de referência às suas reflexões, a questão do próprio "modelo". Retoma que, no caso específico de Barcelona, trata-se de um processo que teve grandes transformações, ficando difícil de classificá-lo como "modelo". Para isso, Capel resgata a história da cidade, buscando analisar as transformações espaciais em suas diferentes escalas.

Desde finais do século XIX, Barcelona se destaca na Espanha por ser o grande espaço industrial. Com Franco e o protecionismo espanhol, é reforçada como área de grande desenvolvimento econômico, incentivando ainda mais seu papel como área de atração populacional, porém com graves déficits sociais, principalmente no que diz respeito a questão habitacional e de infra estrutura. Esse quadro se agrava e passa a ser questionado, com maior ênfase, com a organização dos movimentos sociais aliada às mudanças políticas na Espanha, principalmente após a morte do ditador.

Os processos de transformação urbanística da cidade podem ser mais pontuados a partir da década de 80 do século XX e, nessa ação, aparentemente, a cidade era pensada como um todo. As estratégias privilegiaram a requalificação da periferia e do centro da cidade por meio de ações pontuais que deveriam promover ou potencializar também mudanças no entorno ou, como diziam os técnicos envolvidos no processo, ações com efeitos difusores, recuperando a noção de cidade enquanto um organismo, denominando o processo de "metástase positiva". Nesse momento, as intervenções eram dadas na escala da rua e das praças, com a abertura e ou monumentalização de espaços públicos, bem como a ampliação das infra-estruturas dos bairros, em especial os mais periféricos, mas sem deixar de lado espaços já consolidados e também com problemas, como na área central.

Recuperando o processo, o autor analisa como as ações passam da correção dos déficits (habitacionais, infra-estrutura) muito localizados nas periferias, para as ações complexas ligadas a um projeto maior de inserção da cidade no contexto internacional de competitividade, que pode ser marcado pela apresentação da candidatura da cidade de Barcelona para os Jogos Olímpicos e sua escolha, em 1986, para sediar as Olimpíadas de 1994, o que pôs em andamento os grandes projetos urbanos que dão destaque a eixos de desenvolvimento na cidade, com operações de grande alcance. Assim, desde 1986, Barcelona passa a sofrer

\*Professora Doutora do Departamento de Geografia da FFLCH da USP  
E-mail: [gaalves@usp.br](mailto:gaalves@usp.br)





várias intervenções de grande porte já que tinha que estar pronta e bela para a realização do grande evento esportivo mundial: os Jogos Olímpicos. Capel demonstra que, nesse momento, ainda havia, do ponto de vista do projeto concebido (talvez até porque era um partido de "esquerda" que estava na administração da prefeitura de Barcelona) a preocupação de procurar garantir a permanência da população residente das áreas que estavam sendo afetadas pelas intervenções o que, entretanto, nem sempre isso tenha ocorrido.

O autor enfatiza ainda que se trata de um processo em continuidade, já que a competitividade entre os agentes hegemônicos presentes nas localidades não para. Assim as intervenções urbanísticas continuam depois dos Jogos de 1994. Novas ações, em que se destaca a parceria público-privado, são postas na ordem do dia de modo a promover uma valorização positiva do que alguns autores chamam de "efeito pulsar". Entre as elas, foram indicadas, entre outras, as grandes transformações urbanísticas são feitas para a realização do Fórum das Culturas em 2004; uma zona industrial "decadente" é escolhida para a criação do 22@ (bairro cuja ênfase é a instalação de indústrias de alta tecnologia); novos investimentos são destinados à ampliação de equipamentos culturais (principalmente em museus- criação e recuperação) e com isso Barcelona parece se capacitar a ser uma cidade mundial, podendo "competir" no cenário internacional, captando recursos e investimentos nacionais e internacionais. O que em geral não se coloca é

que essas pulsações, ainda que promovam alguns benefícios, também implicam em custos e impactos adversos que nem sempre são deixados claros. Assim seria necessário que sempre se deixasse às claras quem efetivamente se beneficia das ações e quem paga os custos, pois em geral toda a sociedade paga pela transformação espacial, mas nem sempre todos se apropriam.

Capel chama a atenção para como essa transformação da cidade, que tem uma história, um povo, uma particularidade na própria Espanha, serviu a alguns intelectuais e empresas de consultorias para vender um novo produto: O modelo de desenvolvimento de cidade, no caso, o modelo Barcelona, como um modelo de cidade compacta. Nesta experiência, que tem servido de referência para várias cidades no mundo, o autor afirma que tem faltado, no caso específico da cidade de Barcelona, um maior diálogo entre técnicos e população atingida, de modo que as transformações não sejam apenas uma resposta a inserção no cenário internacional de competitividade, mas também traga respostas e alternativas à vida da população que vive nas cidades. Esse é o grande alerta que o é feito àqueles que tem se inspirado no "modelo Barcelona": que haja maior sensibilidade nas ações urbanísticas às necessidades cotidianas, da população que, em geral, são esquecidas, nunca sendo consultadas pelos técnicos e políticos que, sem estabelecer diálogo, vêm criando situações que naturalizam as situações de pobreza e marginalização social.

### Nota

<sup>1</sup> Publicados em 2002(volume 1) e 2005(volume 2). Ediciones del Serbal

Trabalho entregue em setembro de 2006.

Trabalho aceito em outubro de 2006



